

seis, vezes, felizes, fizes, que se pronunciam $d\acute{e}z$, $m\acute{u}l\tilde{h}e\tilde{r}\tilde{a}s$, $d\acute{z}z\tilde{o}s\tilde{e}is$, $b\acute{e}z\tilde{z}is$, $f\acute{a}l\tilde{i}z\tilde{e}s$, $f\acute{í}z\tilde{o}s$.

As duas palatais *x* e *j* (= $\overset{v}{x}$, $\overset{v}{j}$) palatalizam-se mais ($\overset{v}{x}$ $\overset{v}{j}$) em conjugação com *i* ou *z*, e o *e* átono que as precede ou segue imediatamente em vez de *a* pronuncia-se *z*, que se pode figurar por *e* para não alterar a grafia usual: exemplos: *deixar*, *frijir*, *deseje* (= $\hat{d}e\tilde{z}e\tilde{j}e$) Factos idénticos se produzem em todos os dialectos a sul do Mondego em todo o litoral.

As duas fricativas *d* e *b* em *mula* e *cabo* (a última das quais poderia ser figurada por *v*, sendo o *v* labio-dental representado por *v* e diferenciando-se assim toda a ordem bilabial por um traço cortando os caracteres da ordem bilabial *p*, *b*, *m*, etc.), essas duas fricativas, digo, sómente se ouvem quando *d* ou *b*, *v* estão entre duas vogais, e nesse caso mesmo podem ser substituídas por *d*, *b* explosivos¹; nenhuma diferença se faz entre o *b* e *v* escritos, assim *beijo* e *vejo*, tem por inicial igualmente *b*, sendo pronunciados *beijo* ou *báijo*, *bêjo* ou *béjo*.

(Continúa).

A. R. GONÇALVES VIANNA.

NOTAS E PARALLELOS FOLKLORICOS

I — Tradições relativas a S. Cypriano

1. Lenda minhota de S. Cypriano

S. Cypriano era feiticeiro e depois morreu-lhe o pae que tinha um dinheiro e não o deixou a nenhum dos filhos. O pae era muito amigo com o tal Cypriano, e elles cuidavam que o irmão ficara com o dinheiro todo e por isso ralhavam com elle todos os dias.

— Tu é que tens o dinheiro.

— Sodes vós; eu cá não tenho dinheiro nenhum.

Cypriano foi ao inferno. Pelo pauto que tinha com o diabo ia lá quando queria. Chegou lá; o pae estava muito desesperado e estava deitado numa cama muito acuada. Quando viu o filho, disse:

— Então já para cá vens? Para cá venhaes vós todos, que á vossa conta é que eu aqui estou.

¹ O *d* e *b* fricativos são semelhantemente facultativos em Lisboa.

Elle disse-lhe :

— O' meu pae, está ahí numa cama tão acuada e tão preparada e está assim tão zangado?

— Estou, estou bonito. Chega aqui um dedo.

Cypriano chegou um dedo e elle ficou-lhe lá, porque o pae estava em fogo. Diz :

— O' meu pae! eu venho saber onde vocemecê deixou o dinheiro, que andamos lá numa guerra uns com os outros.

— Olha, o dinheiro... vae á adega, atrás da cuba grande, que elle lá está enterrado, e a troco d'esse dinheiro é que eu aqui estou.

Cypriano foi-se embora e foi á adega com os irmãos e acharam lá o dinheiro, e elle então disse :

— Tomae lá; eu não quero nenhum, que a troco d'esse dinheiro não quero ir para o inferno.

Pegaram os irmãos no dinheiro e elle foi-se embora fazer penitencia e foi para o céu*.

(Minho — Ourlhe. Recolhido em 1883).

2

Um clérigo nigromante diz na tragicomedia de Gil Vicente, *Exhortação da guerra*, representada em 1513 :

Farei por magicas rasas
 Chuvas tão desatinadas,
 Que estem as telhas deitadas
 Pelos telhados das casas;
 E farei a torre da Sé,
 Assi grande como he,
 Per graça de sua clima
 Que tenha o alicesse ao pé
 E as ameas em cima.

Não me quero mais gabar,
 Nome de San Cebrían,
 Esconjuro-te Satan,
 Senhores não espantar.
 Zet zeberet zerregud zebet
 O' filui soter
 Rehe zezegot relinzet,
 O' filui soter.

3

Nas sentenças da inquisição allude-se frequentes vezes á oração de S. Cypriano (vid. por ex. a minha *Ethnographia portugueza. Costumes e crenças populares*, n.º 325).

As *doze palavras* repetem-se algumas vezes em Portugal com o nome de *oração de S. Cypriano*. (vid. o n.º II d'estas *Notas e parallelos*).

4

«S. Cypriano, segundo a crença popular, foi o primeiro feiticeiro que houve. Lér o livro d'elle é peccado; mas, quem o lér, *assóbe ás nuves* (nuvens) sem azas. (Gandifellos). Em Guimarães diz-se a seguinte oração a S. Cypriano:

Meu S. Supriano,	Com ellas fallastes.
Meu S. Suprianiño,	Comestes, e bubestes:
Meu feiticeiro,	Vossa sorte botastes,
Meu feiticeiriño,	Milhor a tirastes:
No mar andastes,	Dizei-me agora a minha
Onze virges encontrastes	P'ra saber se casarei».

(J. Leite de Vasconcellos. *Tradições populares de Portugal*, § 379).

5

«No Auto de fé de 23 de Novembro de 1621 saíu condemnado a sambenito perpetuo Luiza de Sousa, porque resava esta oração:

Deus diante e eu detrás
Deus detraz e eu diante...

O christão velho Pedro Affonso foi tambem condemnado, além de ter communicação com o diabo em fôrma de *menino de dez annos*, porque «Tinha um livro intitulado de *S. Cyprião*», e nelle se diziam as curas que se haviam de fazer. Querendo curar alguns doentes, os levava *ao longo de um rio*, e ali os sangrava na testa com um alfinete, e lhes fazia dizer estas palavras:

Estou picado e enfeitçado.
Jesus, nome de Jesus,
Despicae-me e desenfeitcae-me.

«Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lh'o mandava o livro de S. Cyprião. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clérigo, e vendo as torpezas e parvoices que nelle estavam escriptas, o rompeu e botou debaixo dos seus pés, e o pisou com elles, e por fazer isto, fez com que os diabos tomassem o clérigo e o levassem a *um monte*, onde estava um mato e o trataram alli muito mal, e tanto que o não puderam d'alli trazer senão em um carro. Outra

vez fez com que os mesmos diabos fossem a casa do mesmo clérigo e lhe quebrassem toda a loiça que tinha.» (Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, tom. iv, pag. 88. Cit. no jornal *A volta do mundo*, tom. II, pag. 291).

6. Lendas septentrionaes de S. Cypriano

a. Cyprianus was a student, and by nature a gentle and orderly person, but he had passed through the Black School in Norway, and was therefore engaged to the devil to apply his learning and extraordinary faculties to the perpetration of evil. This grieved him in his later years, his heart being good and pious; so to make the evil good gain, he wrote a book wherein he first shows how evil is to be done, and then how it may be remedied. The book begins by explaining what sorcery is, and with a warning against it. It is divided into three heds, viz. Cyprianus, Dr. Faustus, and Jacob Ramel. The last two parts are written in characters which are said to be Persian or Arabic, and also in ordinary characters. In this book are taught exorcising, laying and raising of spirits, and all that of which mention is made in the 5th book of Moses, xviii, 10, 11, 12. Whether this book as been printed is uncertain, but manuscript copies of it are concealed here and there among the common people, who regard it has something sacred. Those who possess the book of Cyprianus need never want money, they can read the devil to them and from them, and no one can harm them, not even the evil himself. But whoever possesses the book cannot get rid of it; for whether he sells, burns or buries it, it will come back; and if a person cannot dispose of it before his death, it will go badly with him. The only method is, to write his name in it his own blood, and lay it in a secret place in the church, together with four shillings clerk's fee.» B. Thorpe, *Northern Mythology*. London 1851, 8.^o, II, 186-7. (De J. M. Thiele Danmarks' *Følkesagn*).

b. «Two miles from Horseus (Jutland) there dwelt a miller, who was a master in the black art and possessed the book of Cyprianus. A peasant having once stolen an axe from him, was obliged to bring it black at midnight, and was, moreover, borne so high in the air that his feet rattled among the tops of the trees in Bierre forest. This miller in fact performed so many wonderful things that all his neighbours were astonished at his feats. Impelled by curiosity, a journeyman miller once split into his master's private room, where having found an old quaint-looking volume, he began to read in it, when the horrible Satan appeared before him and asked his commands. The man, who was not aware that it was necessary to give to the fiend some stiff job to execute, fell down in terror deprived of speech, and it would, no doubt, have been all over with him, had not his master entered at the moment and seen how matters stood. Snatching up the book, the miller instantly began to read it in ano-

ther place, in order, if possible, to drive the fiend away; but things had already gone to far, and nothing remained to be done but to give him something to do, so taking a sieve, he commanded him to bale water with it from the mill pond; but being unable to do so, he was obliged to take his departure through the air, and left behind him a most loathsome stench.» *Ob. cit.*, p. 188.

c. «In ancient times there lived in one of the Danish isles a man named Cyprianns, who was worse than the devil; consequently, after he was dead and gone to hell, he was again cast forth by the devil and replaced on his isle. There he wrote nine books, in the old Danish tongue, witchcraft and magical spells. Whosoever has read all these nine books through becomes the property of the devil. From the original work three (or nine) copies are said to have been dispersed over the world. A count, who reuded in the castle of Ploen, is said to have possessed a perfect copy, which he caused to be fastened with chains and buried under the castle; because in reading through eight books he was so troubled and terrified that he resolved on concealing it from the sight of the world. One of this books still exists in Flensburg. Some spells from the nine book are still known among aged people. Whoever wishes to be initiated there in must first renounce to christianity.» *Ob. cit.*, 187.

Creio que estas duas últimas lendas são tiradas de K. Müllenhoff, *Sagen, Märchen und Lieder der Herzogthümer Schleswig-Holstein und Lauenburg* (Kiel 1845), nr. 263.566, mas não posso agora fazer a verificação.

7. Um livro «authentico» de S. Cypriano

Ha alguns annos mostrou-me o fallecido conservador da Bibliotheca nacional de Lisboa, Antonio da Silva Tullio, um livro de S. Cypriano tão *authentico* que cada folio tinha a rubrica do magico! Não pude proceder então senão a um rapido exame do livro, reservando-me para fazer d'elle um estudo mais detido e até uma copia completa, mas a doença do prestimoso bibliothecario, a quem o livro pertencia, obsteu á realisação do meu projecto. Eis as notas que eu tirei quando vi essa preciosidade bibliographica.

Título: «*Cypriani Magiej septem horae Magicae* (Rubrica: Cyprianns). Editae ab ipso Bernae anno 154. . . » Um caderno formado de 33 meios quartos com uma tira. Impresso á mão (pelo processo porque as typographias tiram as provas de granel), com typo preto e vermelho. Cada folio tem numeração manuscrita no alto, e por baixo do numero *Cyprianns*.

E' tudo em latim, mas que latim! um latim proprio dos diabos e seus inspirados. A pessima impressão e o mau estado do exemplar, dobrado ao meio, quebrado e em parte roto, por andar na algibeira ou no seio dos feiticeiros e feiticeiras, por cujas mãos foi passando, tornam difficil a leitura.

A fol. 32 v. lê-se:

«Ne Opuz hoc contrafial & falso meo NOMine currant Hoc Subscripsi & Rubricavi Mea propria Littera

Cyprianus Magnus primus.

Na fol. 2, depois do frontespício:

Cyprianus gratia [Belse]buth Locifuge Resoce et ejusdem omnium potestatum Universi Magust primust, cui tantummodo cognoscere Magiae arcana principalia, et tolere de sinu Terrae unica et generali methodo Thesaura omnia invenire..... concessum fuit; nunc pro viribus meis attenuatis Magicandi... et parvulos inopiam suam perdere volens; aurient [arg]entummon ne et aurum, sicut alia pretioza in terra jandudum Magiae virtute detenta: has septem horas Magiae didico sequentibus notiz. primo: De antiquiz solam. ADAMI, MAEGI, quae vera est [fama] De paradiso omni Boni ac Mali Centia expulsus est. Secundo: Nemo Thezaura haurire deziderans v... FICAN (?) quaerat... Mulieres, illac raro pacto sufficiens debent: Querit egenna (?) vel CLORICIV, qui pro interin Locifuge Thezaurorum custode pactum faciat, et fide legat vel a sacerdote audiens pronuncied omnia infra scripta:

Magiae artes abjudicate manu; quis in illis aliquod deficiet, et tantum mea propria manu subscripta, et Typis edita valent, ed solum in ipsis data; potente pactum Verum facienti.»

Além das quadras das horas mágicas que formam a parte mais importante do livro ha nelle a *receita* para fabricar uns certos *telarios* de grande importancia para descobrir os thesouros e que eram preparados com pau de cypreste infructifero, colhido na Canicula, nas noites de Saturno, sujeito aos rocios das noites dos reis Magos, pelo tempo de Joves e Venus, e applicando-lhe depois complicados ingredientes. Não menos complicada era a fabricação d'uma vela mágica, empregada para descobrir os thesouros, cujo fio devia ser fiado por uma Maria de 67 annos, que tivesse 5 filhos solteiros; os ingredientes terrificos d'essa vela eram, entre outros, unto humano, olho de gato negro, dentes laniares de lobo macho, enxofre; era tambem preciso para a fabricação um craneo humano.¹

8. Os livros modernos de S. Cypriano

Como todas as outras velhas superstições, a do livro de S. Cypriano vive ainda hoje na tradição popular. O povo, que não é constituido pelos proletarios e analphabetos, mas por todos os que são avessos á concepção scientifica do mundo, e que por tanto se conser-

¹ Voltarei a fallar d'essa vela num proximo artigo relativo aos *Mythos dos dedos e da mão*.

vam num estadio intellectual que os colloca ao nivel do selvagem ¹, o povo sonha sempre com thesouros e meios magicos de os descobrir, isto é, com a emancipação do trabalho rude. A superstição mantem-se pela ignorancia, pela falsa educação e pela miseria.

Numerosas vezes ouvi fallar a pessoas do nosso povo no famoso livro de S. Cypriano, de que, segundo me affirmavam, corriam numerosas copias manuscriptas, até que um creado de servir do Porto mandou imprimir uma d'essas copias com o titulo seguinte:

Libro de S. Cypriano, tirado d'um manuscripto feito pelo mesmo santo, que ensina a desencantar todos os encantos, feitos pelos mouros neste reino de Portugal, indicando os logares onde se encontram os encantos. Ensina a desfazer toda a qualidade de feitiçaria e ensina algumas magicas tal qual as fazia S. Cypriano; ensina como se hão de curar muitas doenças, que se suppõem causadas pelo demonio. Copiado fielmente pelo dito manuscripto, mandado publicar por Joaquim José Simões. Porto, Imprensa Portuense 1875. 8.º, 110 pp. Preço 600 reis.

Essa edição esgoton-se em pouco tempo; fez-se outra que tenho à mão, e o negocio tentou um livreiro de Lisboa, que publica com grande frequencia o annuncio no *Diario de Noticias* d'esta cidade:

O grande livro de S. Cypriano: em 3 volumes

1.º Volume: Vida de S. Cypriano — Orações e esconjurações — Desencanto dos thesouros — Magicas de S. Cypriano — Arte de deitar as cartas e de ler as sinas. — Preço 500 reis.

2.º Volume: Verdadeiro thesouro da magica preta e branca — Segredos da feitiçaria para ligar e desligar namorados — Orações do Anjo Custodio — Explicação dos sonhos, etc. — Preço 500 reis.

3.º Volume — Os prodigios do diabo — Os thesouros da Galliza — Remedio contra os espiritos diabolicos — Segredos para não ter filhos — Reccitas varias para augmentar e diminuir amizades — Poderes occultos do odio e do amor, etc. — Preço 500 reis.

Os 3 volumes juntos 1\$200 reis.

Livraria Economica, Travessa de S. Domingos, 9 e 11.

E somos nós quem pretende civilisar a Africa! Ha pouco um jornal mostrava-se indignado por se apresentarem no Museu de South Kensington productos com a indicação que eram dos *selvagens do Algarve!* Mas a arte africana é cem vezes mais perfeita que a arte algarvia representada nesse Museu, e os manipansos cem vezes mais dignos de veneração do que certas estatuetas de barro e conchas, feitas nas costas do Algarve, representando santos e o general Saldanha, uma especie de heroe solar d'aquella pobre gente!

¹ Nesse numero entram muitos sujeitos que aliás se distinguem por conhecimentos mais ou menos variados e até por descobrimentos em tal ou tal ramo de sciencia: são selvagens aparentemente civilisados. A publicação ingleza *Journal for psychical science* revela claramente esse estado singular de muitos espiritos do nosso tempo.

O *Livro de S. Cypriano*, edição do Porto (só conheço pelo annuncio a de Lisboa) não offerece quasi nenhum interesse particular. Um extracto do index dará ideia do seu conteúdo. i. Como S. Cypriano tomou pacto com o Demonio. ii. Como S. Cypriano fez a escriptura do pacto. iii. Cypriano depois de ser Santo. iv. Modo como se hão-de desencantar os thesouros. v. Os logares onde se encontram os encantos. vi. Como S. Cypriano desfazia tudo quanto era feitiço. vii. Como é que Deus permite que o Demonio atormente as creaturas. viii. Oração geral para desfazer toda a qualidade de feitiçarias. ix. Remedio espiritual para benzer as casas que se sentem perturbadas pelo Demonio. x. Remedio espiritual como se ha-de benzer uma criança que se desconfia que o demonio a atormenta. xi. Remedio espiritual para atalhar a erysipella (no texto zirpella). xii. Remedios espirituaes como se ha-de conhecer se a creatura tem feitiço. xiii. Como S. Cypriano assistia aos enfermos. xiv. Modo de votar (sic) uma peneira para adivinhar como fazia S. Cypriano depois que era santo. xv. Para adivinhar com 6 paus de alecrim. xvi. Como se ha-de votar as cartas. xvii. Responso de S. Cypriano para votar as cartas. xviii. Remedio espiritual para curar todos os temores que a medicina não poder curar. xix. Remedio espiritual que usava S. Cypriano para curar os temores, dores de cabeça, etc. xx. Como S. Cypriano curava tudo quanto era causado pelo Demonio.

O livro não tem o character terrifico d'outros do seu genero: offerece algumas formas e termos populares interessantes, como *galinhaço*, *azanço*, etc. No cap. xiv encontra-se o seguinte ensalmo da peneira:

Peneira que peneiraes
 Todo pão da christandade,
 Peço-vos eu, Senhor,
 Das tres pessoas distinctas
 Da Santissima Trindade
 Que não me faltes á verdade.
 Para gelão (?) traga matão (?),
 Raiz do pauto achião (?):
 O molitão (?) possa esperar
 Para entregar
 Ao infernal Lucifer.

9. Le Dragon rouge

Consolemo-nos com o mal alheio. Não é só em o nosso paiz que circulam e são lidos com avidéz livros semelhantes. Entre outras publicações do mesmo genero citarei a seguinte de que possuo um exemplar:

Le Dragon rouge, ou l'art de commander les esprits célestes, aériens,

terrestres, infernaux, avec le vrai secret de faire parler les Morts, de gagner toutes les fois qu'on met aux Loteries, de découvrir les Trésors cachés, etc. Imprimé sur un manuscrit de 1522. Paris. Chez tous les Libraires. 1838. 105 pp. in-12.^o

Charles Nisard na sua *Histoire de la littérature de colportage*, t. 1, p. 159 ss., occupa-se de diversas publicações francezas do mesmo genero, taes como o *Grand Grimoire*, p. 159 ss. e *Le Véritable dragon rouge*, p. 174 ss. Tendo adquirido *Le Dragon rouge* tempo depois de lido o livro de Nisard, que agora não tenho á mão, não posso verificar que relações mais proximas ha entre as publicações de que elle se occupa e aquella de que transcrevi acima o titulo.

Le Dragon rouge, como outros livros similares francezes, offerece relações com *Cypriani magi septem horarum magicarum*. Assim no cap. III d'aquelle achamos *la véritable composition de la baguette mystérieuse, ou verge foudroyante* que é feita com uma *baguette ou verge de noisetier sauvage* e varios ingredientes, o que é muito semelhante aos telarios de Cypriano. Tambem *Le Dragon rouge* dá o nome do diabo *Lucifuge Rofocale* (em Cypriano *Resocelé*).

Deitar varas para achar thesouros ou descobrir nascentes d'agua é processo magico que anda em a nossa tradição popular: «nem lance sortes para adivinhar: nem varas para achar aver». (*Constituições synodaes d'Evora* de 1534).

Sobre a *vara divinatoria* pôde ver-se por exemplo Louis Figuiet, *Histoire du merveilleux dans les temps modernes*, 2.^a ed., t. II, pp. 253-426.

F. ADOLPHO COELHO.